

Agenda Econômica

[Resultado primário do governo central em fevereiro - STN](#)
[Relatório trimestral de inflação do primeiro trimestre - BACEN](#)
[Pesquisa mensal de comércio de janeiro - IBGE](#)
[IGP-M de março - FGV](#)

 ESCRITÓRIO TÉCNICO DE ESTUDOS
ECONÔMICOS DO NORDESTE

ETENE
Análise e Perspectivas

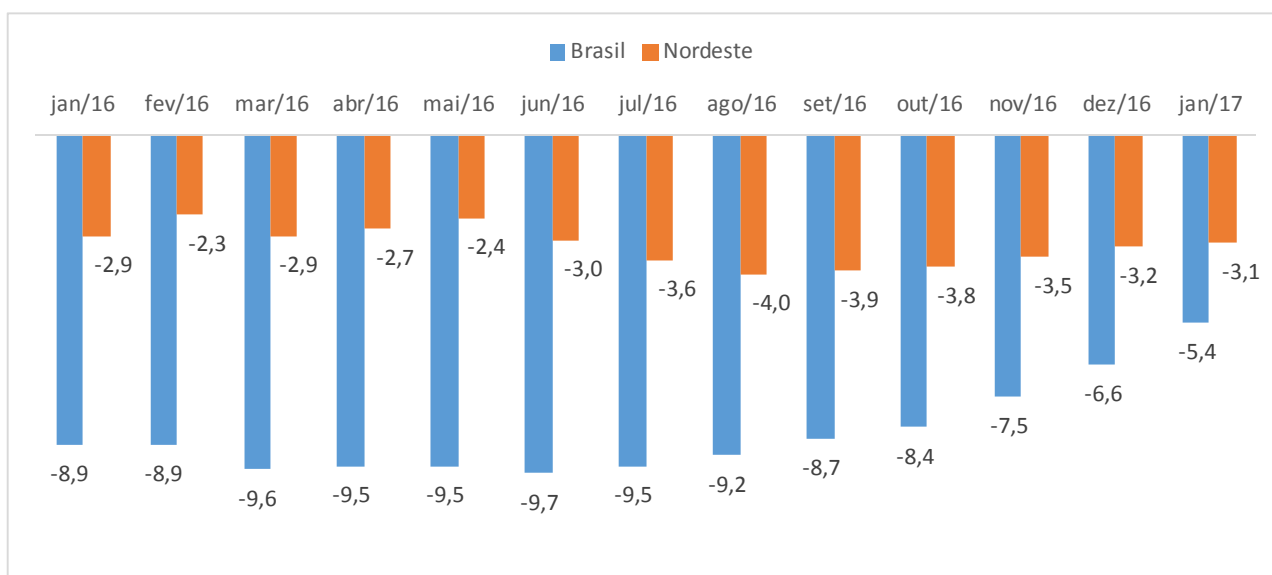
Busca pela recuperação industrial tem ocorrido com maior intensidade na média nacional do que no Nordeste

*“O comportamento da produção industrial do **Ceará** se mostra como o mais regular, permitindo visualizar uma tendência de crescimento... **Pernambuco** diminuiu o ritmo de queda apenas a partir de dezembro de 2016 ... **A Bahia** tem se mostrado como o estado com comportamento mais irregular, não sendo possível apontar para uma tendência de recuperação, já que a crise no setor se agravou nos meses mais recentes”*

A atividade industrial na Região Nordeste assinalou queda na produção em janeiro de 2017, frente a dezembro de 2016 (-1,8%), em nível mais intenso que o registrado na média nacional (-0,1%). Na comparação com janeiro de 2016, a retração na Região foi de -2,9%, em sentido contrário ao resultado nacional positivo de 1,4%. Também em relação ao trimestre terminado em janeiro de 2017, a indústria nordestina recuou (-0,8%), enquanto houve elevação de 0,9% na média do País, frente ao nível do mês anterior. Os dados são da Pesquisa Industrial Mensal Produção Física – Regional do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Estes números denotam que em relação aos resultados dos períodos mais recentes, a produção industrial do País tem demonstrado melhores taxas de crescimento do que as do Nordeste, o que tem contribuído para uma suavização mais rápida das quedas na atividade industrial do País, frente às ocorridas na Região. Esta afirmação poderá ser melhor visualizada a partir do Gráfico 1 que apresenta a evolução da produção industrial brasileira e nordestina, pela taxa acumulada dos últimos 12 meses, tendo como base igual período imediatamente anterior.

Gráfico 1 - Produção Industrial: taxa de crescimento acumulada dos últimos 12 meses (%) - Brasil e Nordeste - Janeiro de 2017 (Base: últimos 12 meses anteriores)



Fonte: ETENE/BNB, com dados do IBGE.

O Gráfico 1 aponta que, durante todo o período em análise, a taxa anualizada (indicador acumulado nos últimos 12 meses) da indústria nordestina foi menos negativa do que a nacional, contudo, o ritmo de desaceleração da queda da produção industrial no País tem sido maior do que o da Região, nos meses mais recentes. Por exemplo, desde a menor taxa nacional,

em junho de 2016 (-9,7%) até janeiro de 2017 (-5,4%), houve uma variação positiva de 4,3 pontos percentuais no indicador de atividade industrial. Para o Nordeste, esta variação foi de 0,9 ponto percentual, passando de -4,0% em agosto de 2016 (pior resultado durante o período em análise) para -3,1% em janeiro de 2017.

Análise e Perspectivas

Busca pela recuperação industrial tem ocorrido com maior intensidade na média nacional do que no Nordeste

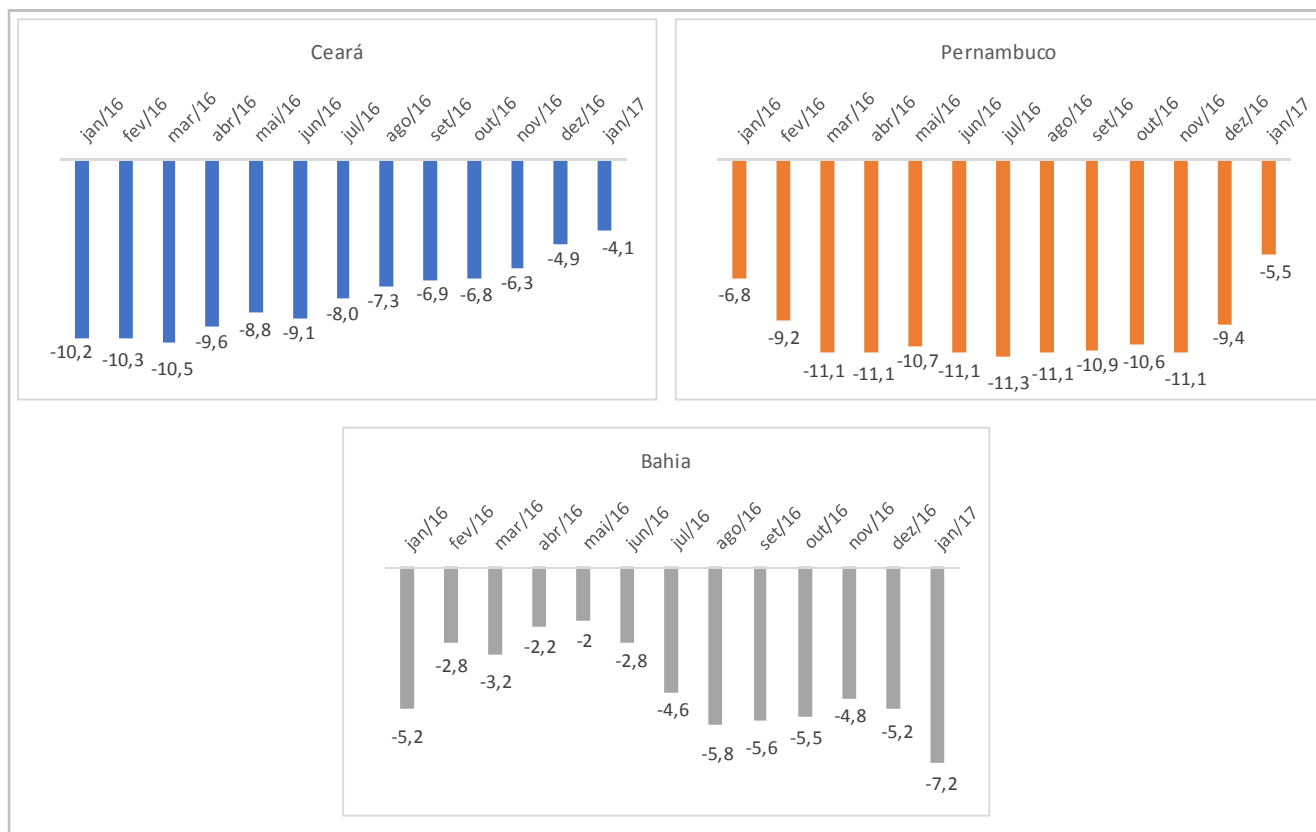
Em outras palavras, observa-se que a busca pela recuperação do setor tem ocorrido com maior intensidade na média nacional do que no Nordeste que apresenta variações bem mais amenas ao longo dos últimos meses.

Vale ressaltar que não se deve confundir a desaceleração das taxas negativas da produção industrial com a recuperação da referida atividade. Na verdade, as sucessivas quedas na produção representam o aprofundamento da retração da indústria, na medida em que o nível de atividade tem diminuído mês a mês, partindo de patamares já bastante reduzidos. Portanto, o

que vem ocorrendo é um maior distanciamento entre o atual nível de produção industrial e aquele já alcançado, no caso do País, com recorde em junho de 2013. Desta forma, os dados apresentados no Gráfico 1 referem-se ao fato de que, embora caindo, o ritmo de queda tem sido menor, o que pode evoluir, em algum momento, para uma taxa positiva e, apenas neste momento, poder-se-á apontar para o início de um processo de recuperação do setor.

Para os estados do Nordeste divulgados pela pesquisa do IBGE, este movimento tem se dado conforme o indicado no Gráfico 2.

Gráfico 2 - Produção Industrial: taxa de crescimento acumulada dos últimos 12 meses (%) – Ceará, Pernambuco e Bahia - Janeiro de 2017 (Base: últimos 12 meses anteriores)



Fonte: ETENE/BNB, com dados do IBGE.

O Estado do **Ceará** se mostra como aquele que apresenta um comportamento mais regular rumo à desaceleração do ritmo de queda da produção industrial. Desde junho de 2016 (-9,1%), as taxas de crescimento anualizadas da produção vêm gradativamente se tornando menos negativas, chegando a -4,1% em janeiro de 2017 (Gráfico 2). Esta trajetória permite visualizar uma tendência de crescimento, favorecendo o argumento de melhoria destas taxas nos meses seguintes.

Pernambuco, praticamente durante todo o ano de 2016, manteve um nível de queda relativamente estável e elevado, diminuindo o ritmo apenas a partir de dezembro

de 2016 (-9,4%), chegando a -5,5% em janeiro de 2017 (Gráfico 2). O resultado deste mês de janeiro teve papel importante na composição da taxa anualizada do Estado, na medida em que apresentou um crescimento de 14,1% em relação a janeiro de 2016, segunda taxa positiva consecutiva nesse tipo de confronto.

A **Bahia** tem se mostrado como o estado com comportamento mais irregular, não sendo possível apontar para uma tendência de recuperação, tendo em vista que a crise no setor se agravou nos meses mais recentes.

Análise e Perspectivas

Busca pela recuperação industrial tem ocorrido com maior intensidade na média nacional do que no Nordeste

A taxa de crescimento da produção industrial anualizada passou de -4,8% em novembro de 2016 para -7,2% em janeiro de 2017 (Gráfico 2). O resultado do mês de janeiro reforçou a composição da taxa negativa do Estado, diante da redução de -15,5%, frente a janeiro de 2016, décima primeira taxa negativa consecutiva nesse tipo de confronto.

No **Nordeste**, a taxa anualizada, até janeiro de 2017, (-3,1%) refletiu a queda na produção de doze das quinze atividades pesquisadas pelo IBGE (Gráfico 3). Merecem destaque a indústria extrativa (-3,5%); a fabricação de

produtos alimentícios (-4,7%); produtos têxteis (-5,6%); artigos do vestuário e acessórios (-6,9%); coque, produtos derivados do petróleo e biocombustíveis (-5,4%); produtos de minerais não metálicos (-16,4%); metalurgia (-5,0%); produtos de metal, exceto máquinas e equipamentos (-8,6%) e máquinas, aparelhos e materiais elétricos (-6,3%). Registraram aumento, a preparação de couros e fabricação de artefatos de couro, artigos para viagem e calçados (2,5%); celulose, papel e produtos de papel (1,9%) e fabricação de veículos automotores, reboques e carrocerias (11,3%).

Gráfico 3 - Produção Industrial por seções e atividades industriais: taxa de crescimento acumulada dos últimos 12 meses (%) – Ceará, Pernambuco e Bahia – Janeiro de 2017 (Base: últimos 12 meses anteriores)



Fonte: ETENE/BNB, com dados do IBGE.

Análise e Perspectivas

Busca pela recuperação industrial tem ocorrido com maior intensidade na média nacional do que no Nordeste

A taxa anualizada no **Ceará** (-4,1%) contou com desempenho positivo em quatro das onze atividades pesquisadas no período (Gráfico 3): produtos alimentícios (1,1%); produtos têxteis (8,9%); artefatos de couro, artigos para viagem e calçados (0,3%) e coque, produtos derivados do petróleo e biocombustíveis (10,8%). Os recuos mais importantes se deram em bebidas (-16,2%), confecção de artigos do vestuário e acessórios (-10,6%), metalurgia (-22,0%), produtos de minerais não-metálicos (-12,5%) e produtos de metal (-31,3%).

Em **Pernambuco** (-5,5%), quatro das doze atividades assinalaram aumento na produção na taxa anualizada (Gráfico 3), com destaque para máquinas, aparelhos e materiais elétricos (8,4%); produtos de metal (7,0%) e celulose, papel e produtos de papel (0,2%). Os setores que atingiram mais negativamente a média do Estado foram: produtos alimentícios (-5,8%); outros equipamentos de transporte (-27,1%); produtos de minerais não-metálicos (-19,4%); bebidas (-1,1%); produtos de borracha e material plástico (-4,9%); produtos têxteis (-21,4%), e metalurgia (-3,8%).

Na **Bahia** (-7,2%), os resultados intersetoriais foram mais equilibrados, com cinco dos doze setores pesquisados registrando aumento na produção, na taxa anualizada (Gráfico 3). Destacaram-se produtos alimentícios (3,3%); outros produtos químicos (1,7%); bebidas (8,2%) e couro, artigos para viagem e calçados (7,3%). Os principais impactos negativos foram em coque, produtos derivados do petróleo e biocombustíveis (-15,7%), indústrias extrativas (-23,0%), veículos automotores, reboques e carrocerias (-10,7%), produtos de minerais não-metálicos (-16,1%) e produtos de borracha e de material plástico (-4,7%).

A pesquisa Sondagem Industrial da Confederação Nacional da Indústria (CNI) avaliou, dentre outros

aspectos, a atual conjuntura da indústria do Nordeste. Os resultados referentes ao mês de janeiro de 2017, frente a dezembro de 2016, apontaram que associado à queda na produção industrial da Região, diminuiu também o número de empregados, neste caso, no nível mais acentuado desde junho de 2016.

Quanto à Utilização da Capacidade Instalada (UCI), após três meses consecutivos utilizando 70% da capacidade, observou-se nova redução, passando para 67% em janeiro de 2017. Este patamar é mais elevado do que a média para o País, cuja UCI foi de 63%, assinalando grau de ociosidade maior que o do Nordeste.

A segunda etapa da pesquisa da CNI, captada em fevereiro de 2017, dedica-se a identificação das expectativas dos empresários para os próximos seis meses. Neste caso, os empresários nordestinos se mostraram otimistas quanto à expectativa de demanda (embora em menor intensidade do que o identificado em janeiro de 2016) e quanto à expectativa de exportação que melhorou, frente ao nível de otimismo alcançado em janeiro de 2017.

Mantiveram-se pessimistas as expectativas de compra de matérias-primas, em nível pior do que o registrado em janeiro de 2017, e de número de empregados que assinalou o nível mais baixo desde fevereiro de 2016. Assim, a perspectiva dos empresários nordestinos é de que haverá redução na compra de matérias-primas e no número de empregados nos próximos 6 meses.

Por outro lado, em fevereiro de 2017, melhorou a intenção de investimento dos empresários da Região em relação a compras, construção, pesquisa e inovações, cujo índice ficou no maior nível desde março de 2015, embora permaneça abaixo da média histórica da variável no Nordeste.

Fonte: IBGE e CNI.

Autora: Liliane Cordeiro Barroso, Economista, Coordenadora de estudos e pesquisas da Célula de Estudos e Pesquisas Macroeconômicas do Banco do Nordeste/ETENE.

ESCRITÓRIO TÉCNICO DE ESTUDOS ECONÔMICOS DO NORDESTE - ETENE | Economista-Chefe: Luiz Alberto Esteves. Gerente de Ambiente: Tibério Rômulo Romão Bernardo. Célula de Estudos e Pesquisas Macroeconômicas. Gerente Executivo: Airton Saboya Valente Junior. Equipe Técnica: Allisson David de Oliveira Martins, Antônio Ricardo de Norões Vidal, Biágio de Oliveira Mendes Junior, Hellen Cristina Rodrigues Saraiva Leão, Laura Lúcia Ramos Freire, Liliane Cordeiro Barroso e Wendell Márcio Carneiro Araújo. Projeto Gráfico: Ronildo Sampaio Cardoso. Diagramação: Gustavo Bezerra Carvalho. Revisão Vernacular: Hermano José Pinho. Estagiária: Francisca Crisia Diniz Alves. Jovem Aprendiz: Anderson Acioly da Silva.

Aviso Legal: O BNB/ETENE não se responsabiliza por quaisquer atos/decisões tomadas com base nas informações disponibilizadas por suas publicações e projeções. Desse modo, todas as consequências ou responsabilidades pelo uso de quaisquer dados ou análises desta publicação são assumidas exclusivamente pelo usuário, excluindo o BNB de todas as ações decorrentes do uso deste material. O acesso a essas informações implica a total aceitação deste termo de responsabilidade. Os conceitos e opiniões emitidos nesse documento não refletem necessariamente o ponto de vista do BNB. É permitida a reprodução das matérias desde que seja citada a fonte.